

O LADO OCULTO DA INFÂNCIA: UM OLHAR PSICANALÍTICO ACERCA DA PERVERSIDADE INFANTIL

Andressa Alves Ferreira¹

Marcos Pippi de Medeiros²

RESUMO

Este artigo visa discutir a perversidade infantil a partir da teoria psicanalítica, buscando relacionar infância, perversão e cultura, bem como, discutir esses elementos a partir do livro *Precisamos falar sobre o Kevin* (2007), de Lionel Shriver. O trabalho parte de formulações teóricas acerca da perversão para, a partir disso, construir um ensaio onde será analisada a infância de Kevin Khatchadourian, autor de um massacre que teve como consequência a morte de onze pessoas, além de seu pai e sua irmã. No ensaio, busca-se tecer considerações, identificando elementos marcantes de sua vida, como sua relação com seus pais e com a sociedade, a fim de construir indagações acerca da perversidade infantil nos processos subjetivos e sociais contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Perversão na infância. Perversidade. Psicanálise. Cultura.

¹ Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano, UNIFRA (Santa Maria, RS). Pós-Graduada em Psicologia Organizacional e do Trabalho, UNIFRA (Santa Maria, RS). psi.andressaferreira@gmail.com.

² Graduado em Psicologia pela UNIJUÍ, Ijuí, RS. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC, São Paulo, SP. Doutorando em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS, Porto Alegre, RS. Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano, UNIFRA, Santa Maria, RS. marcosdemedeiros@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade que costuma associar as crianças a “anjos”, seres puros, inocentes e sem maldade. Adota-se o paradigma de que estas são incapazes de sentir ódio, de cometer crimes ou de praticar violência. Espanta-se quando uma criança é acusada de ter cometido alguma atrocidade. Porém, contrariamente à ideia que se tem, a criança, como o adulto, também possui seus próprios desejos, e isto inclui aspectos sombrios, ocultos, que implicam na sua subjetividade (DOR, 1991).

Muitas vezes, algumas situações tornam-se mais graves devido à força da suposta inocência na palavra criança. Portanto, os relatos das fantasias e dos planos para prejudicar alguém, confidenciados ao analista, rejeitam a contaminação dessa visão popular ou de qualquer outro contra-argumento psicológico que busque justificar o ato em função do egocentrismo infantil. A psicanálise, sabendo que a infância é marcada tanto pela ingenuidade quanto pela presença de fantasias sádicas, não contempla nem o ponto de vista popular da candura dos pensamentos infantis, nem a visão estereotipada da maldade da criança atribuída pelo cinema americano (FRANÇA, 2005).

A escolha do tema se deu em decorrência da importância em discutir acerca da perversidade infantil, esse lado oculto que temos tanta resistência em perceber. De acordo com Dor (1991), há uma dificuldade muito grande em diferenciar perversidade de perversão, visto que dispomos sempre apenas de uma única palavra: perversão. A perversidade refere-se a um tipo de malignidade em realização no indivíduo, em alguns de seus atos e comportamentos. Um ensaio foi desenvolvido a partir do livro: *Precisamos falar sobre o Kevin* (2007), de Lionel Shriver. A escolha desse livro deve-se à aproximação com a temática proposta, visto que aborda a perversidade na infância/adolescência, que culmina com uma chacina cometida pelo personagem. O ensaio foi realizado com o objetivo de propor uma discussão, pois ele funcionou como um dispositivo capaz de permitir a análise do tema proposto.

A PERVERSÃO NA TEORIA PSICANALÍTICA

A perversão é compreendida no que se refere à cultura, como uma expressão do próprio laço social, visto que no laço social perverso o indivíduo acha um jeito de reunir, no fantasma, a posição fálica do indivíduo e a posição objetal. O ponto principal desta reflexão não é a estrutura perversa do indivíduo, mas sim a entrada deste em

formações ou montagens perversas, isso substitui a promessa dos ideais. Ainda, entrar em uma montagem perversa requer o abandono da singularidade em detrimento de perseguir, exclusivamente, o gozo do Outro (CALLIGARIS, 1986).

Na teoria psicanalítica, a participação na montagem perversa implica uma posição do sujeito, principalmente frente ao próprio fantasma materno. A relação entre mãe e filho é perversa, pois é admitido que o filho esteja a serviço da satisfação da mãe, isso é considerado lógico e normal. Independentemente da idade que o indivíduo tiver, sua relação perversa com sua mãe permanece, apenas é recalcada. A mulher é dona dos filhos seja qual for o sexo deles e sua relação íntima com o corpo do filho é contemplada como legítima, ou seja, é uma perversão legitimada. A mãe desempenha uma perversão indispensável para a constituição de um sujeito, já este depende de que ela suponha um sujeito aí. Ela o supõe a partir de seu próprio fantasma, o que significa que o supõe capaz de responder à sua própria demanda. Então, essa posição perversa indispensável no fantasma materno é a que estabelece na criança um fantasma de perversão - perversa polimorfa (JERUSALINSKY, 2002).

O sadismo infantil do perverso polimorfo encontra um de seus possíveis destinos no campo da produção de uma neurose infantil, consequência do trabalho do recalçamento que poderá ceder lugar a uma neurose adulta simultânea à formação de um sintoma substituto da não castração materna. Em compensação, a não castração materna poderá ser recusada e o sadismo infantil resultará em uma perversão (FLEIG, 2009).

Freud, nos três ensaios sobre a teoria da sexualidade, enfatiza que:

“É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser introduzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra poucas resistências, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção” (FREUD, 1905, p.180).

A psicanálise da criança escolhe as condições que se colocam em jogo no Complexo de Édipo, e determinam sua sequência, na observação da constituição de uma organização perversa. Sendo assim, os impasses frente à angústia de castração e os mecanismos de defesa para contorna-la, transformam a faixa etária dos sete aos dez anos em um período privilegiado para essa observação, o que não exclui, de maneira nenhuma, a possibilidade de também observarmos a existência de manifestações perversas em crianças menores (FRANÇA, 2005).

As perversões não se aprofundam apenas nas teorias sexuais infantis, mas também na questão da diferença dos sexos. A recusa da castração sustentada pela clivagem do eu registra a constituição do processo perverso na problemática fálica. A atribuição do falo à mãe é uma das respostas que a criança produz frente ao enigma da diferença dos sexos. Portanto, esta resposta depende de uma construção fantasmática que pertence ao registro das teorias sexuais infantis (DOR, 1991).

De acordo com o autor supracitado, a atribuição fálica é vivida como faltante. Instrui o objeto fálico como um objeto imaginário e a castração como irredutivelmente vinculada à dimensão imaginária do falo e não à presença ou à ausência do órgão: o pênis. A criança não recusa facilmente à representação da mãe fálica, pois recusar a essa representação seria, para ela, ser abruptamente confrontada com o real da diferença dos sexos, que se constitui na alternativa: ser castrada ou não ser castrada. Esse confronto com a castração não pode deixar de ser angustiante para a criança.

A criança descobre através da figura paterna um concorrente fálico e percebe dois tipos de realidade que vão desde já interrogar a direção de seu desejo. Primeiramente, constata que o objeto do desejo materno não depende exclusivamente de si. Em segundo lugar, descobre sua mãe como uma mãe faltante, em nada satisfeita pela própria criança identificada ao falo, seja ao objeto de seu desejo. Esse duplo acontecimento, que não deixa de inscrever o pai no registro da rivalidade fálica imaginária, está na origem da instauração de dois traços de estrutura estereotipados: o desafio, seguido de seu complemento inseparável, a transgressão. Através da figura paterna, perfila-se, assim, o universo de um novo gozo, tão estranho quanto proibido, já que a criança se sente excluída (DOR, 1991).

O autor acima mencionado afirma que a partir da negação do perverso em relação à questão do desejo da mãe pelo pai, este se condena a aguentar as aflições do horror da castração. Nestas condições, conserva uma relação sintomaticamente estereotipada com a mãe, além disso, com as mulheres. Porém, essa negação não poderia manter-se sem que o perverso identificasse, por outro lado, esse desejo da mãe pelo pai, pelo menos para disso fazer o objeto de sua negação.

O horror da castração contribui para que o perverso não possa achar nenhuma saída possível para o gozo, a não ser sob a forma de um compromisso. Assim, o perverso não pode se opor a esta outra construção fantasmática que consiste em instituir a mãe onipotente ao reinado do desejo. Apenas a aceitação incondicional ao fantasma de uma mãe não faltante neutraliza a incidência de um pai, não aceitando

mais nele o que a mãe deseja. A partir daí, o perverso pode seguir se comportando como único e exclusivo objeto de desejo que a faz gozar (DOR, 1991).

Conforme Dor (1991), o apelo sedutor da mãe traduz-se então, neste momento fundamental do Édipo, em um verdadeiro convite ao tormento para a criança. Efetivamente, por mais que a criança perceba nele uma autêntica instigação ao gozo, a mãe não deixa, muitas vezes, de se calar sob o sentido da intrusão paterna e da questão do desejo que ela supõe. Na convivência erótica que a mãe compartilha com a criança, ela pode iludir-se sobre a ausência de mediação paterna frente ao desejo da mãe. Contudo, o pai não deixa de aparecer como um intruso, continua não confirmando o comprometimento do seu desejo por ele e também não confirma sua eventualidade junto à criança. O lugar do pai não pode revelar-se de outra forma senão como perturbador e enigmático. A suspensão significativa da questão do desejo da mãe colabora para manter a ambiguidade que atíça a atividade libidinal da criança. No mais, ela se esforçará, em compensação, para seduzir cada vez mais o objeto de seu gozo, na esperança de desaparecer alguma dúvida sobre o sentido da instância paterna, confiando nessa incitação materna que a instiga a menosprezá-la. O desafio, traço típico da estrutura perversa, achará nesse convite ao menosprezo seu mais essencial ardor.

A mãe do perverso não “manda no pai” e não pode ser inscrita nas mães psicotizantes. A criança continua bem confrontada à dimensão de um desejo referido em Nome-do-Pai, isto é, sujeitada à lei do desejo do Outro. Trata-se de manifestar que a significação que adquire não é mais necessariamente trazida pela palavra do pai à qual se submete à mãe. É por esta causa que a complacência silenciosa paterna contribui para reforçar o equívoco, autorizando o discurso materno a se constituir o embaixador da interdição. Mas é também por razão dessa delegação que a criança é, apesar de tudo, remetida a uma interdição reportada à lei do pai, fosse ela enunciada pela mãe, que a subtrai assim à saída psicotizante (DOR, 1991).

A mãe é ameaçadora e interditora, intercessora da fala simbólica do pai, é também uma mãe sedutora, incentivando a criança a fazê-la gozar, que despreza a significação estruturante da lei do pai. A alienação da criança à intriga da sedução materna e à negligência simbólica paterna tem como crucial consequência instigar a criança a confortar o fantasma de uma mãe onipotente, que é a mãe fálica à qual ela não abdicará. A imagem dessa mãe fálica irá, a partir de agora, lhe seguir sem

descanso, em cada vez que promover uma estratégia desejante em relação às mulheres (DOR, 1991).

Segundo Dor (1991), o perverso precisa assegurar-se de que a lei de fato existe, que pode achá-la e buscar experimentar nela a economia de seu gozo. É nesse sentido que a transgressão é o correlato inevitável do desafio. Não há forma mais adequada de assegurar-se da existência da Lei do que se esforçando para transgredir as interdições, e as leis que as instituem simbolicamente. Aliás, o perverso encontra sempre a aprovação que procura neste deslocamento metonímico da transgressão das interdições já que essa aprovação é o limite que remete, ela própria metonimicamente, ao limite da interdição do incesto. Alguns perversos podem vir a ser grandes moralistas. Outros irão preferir desempenhar suas aptidões nos mistérios da iniciação, da reforma especulativa, da educação, até mesmo da reeducação, trabalhando para a promoção de ordens de valores dos quais nunca descansarão em melhorar e fundamentar as regras e as leis.

A INFÂNCIA ATRAVÉS DOS TEMPOS: REPRESENTAÇÕES NO CONTEXTO SOCIAL

A criança é um ser que sente raiva, tem desejos destrutivos, tristeza, passa por conflitos e contradições, possui sexualidade, escapa ao controle da educação, é um ser desejante. Portanto, não é desde sempre que esse conceito de criança existe. Ele tem se alterado através dos tempos, a partir das diferentes visões do mundo, de acordo com um determinado tempo e lugar. Pode-se dizer que a ideia que temos hoje de criança é uma “invenção” da Modernidade (PRISZKULNIK, 2004).

Até o século XII, a arte medieval não conhecia a infância, não tentava representá-la, pois não havia interesse. Apenas o tamanho das crianças as diferenciava dos adultos, eram vistas como homens de tamanho reduzido. Até o século XIII, as crianças não eram caracterizadas por uma expressão particular. A infância era um período de mudança que, quando ultrapassado, sua lembrança era logo perdida. (ARIÈS, 1981).

Por volta do século XIII, a infância surgiu no mundo das representações, a partir da maternidade da Virgem Maria. O sentimento fascinante da tenra infância continuou restrito ao menino Jesus até o século XIV. Na fase gótica apareceu a criança nua, relacionada à morte e à alma. Na arte medieval francesa, a alma era representada por uma criancinha nua e geralmente assexuada (ARIÈS, 1981).

No século XIV, começaram a surgir histórias de crianças nas lendas e nos contos. A partir da iconografia religiosa, passou a destacar-se uma iconografia leiga, nos séculos XV e XVI, porém a criança ainda não era representada sozinha. Nessa época, também se desenvolveu a cena de gêneros, onde muitas vezes as crianças eram protagonistas principais ou secundárias. A partir disso, começou-se a pensar em duas ideias: primeiro, a de que as crianças se misturavam com os adultos na vida cotidiana e que participavam de reuniões, jogos e passeios; segundo, a ideia de que os pintores apreciavam representar a criança por sua graça (coincidiu com o sentimento da infância “engraçadinha”) e se satisfaziam em destacar a presença da criança dentro do grupo ou da multidão (ARIÈS, 1981).

No século XV, o retrato passou a ser uma nova representação. Antes, ninguém pensava em manter o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta, ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era somente uma fase sem importância, que não fazia sentido lembrar; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa “coisinha desaparecida tão cedo” fosse digna de lembrança: havia muitas crianças, cuja sobrevivência era bastante problemática. Faziam-se muitas crianças, para conservar apenas algumas: as que conseguiam sobreviver. O alto índice de mortalidade infantil perdurou por muito tempo, sendo assim, as pessoas não podiam se afeiçoar muito às crianças, pois a morte era considerada uma perda casual, já que elas morriam em grande número. Essa indiferença era algo normal na época e persistiu até o século XIX (ARIÈS, 1981).

De acordo com o autor supracitado, o prazer pelo retrato mostrava que as crianças começavam a sair do anonimato, pois os adultos passaram a querer conservar sua lembrança. O retrato da criança morta, particularmente, demonstra que essa criança já não era mais tão considerada como uma perda inevitável. No início do século XVII, além dos retratos terem se tornado mais numerosos, a criança passou a ser representada sozinha. As famílias queriam ter retratos de seus filhos ainda crianças, mesmo que a mortalidade infantil tenha se mantido em alto nível, e tal prática de preservação da lembrança da infância nunca mais desapareceu. Foi como se a consciência comum descobrisse que a alma da criança também era imortal. Com certeza, esse valor dado à personalidade da criança estava relacionado a uma cristianização mais profunda dos costumes. No século XIX, a fotografia substituiu a pintura.

No século XIX, a criança era vista pela sociedade conservadora como um ser puro, assexuado. Sendo assim, a descoberta da sexualidade provocou muitos protestos e espanto, pois esta foi considerada um escândalo. A partir daí, a sagrada associação entre criança e inocência ficou abalada (PRISZKULNIK, 2004). Em relação ao sentido da inocência infantil, houve duas atitudes morais: preservá-la da sujeira da vida, e principalmente da sexualidade admitida entre os adultos; e fortalecê-la, desenvolvendo o caráter e a razão. O nosso sentimento contemporâneo da infância deve-se à associação desta ao primitivismo ou ao irracionalismo. Essa ideia nasceu com Rousseau, contudo pertence à história do século XX (ARIÈS, 1981). O que talvez revele o cerne de nosso mal-estar e ambiguidade para com elas.

PERVERSÃO, CULTURA E INFÂNCIA

De acordo com Lebrun (2008), o ódio nos habita; está em nós, na medida em que podemos ser objeto ou vítima dele. O ódio está em nossa vida cotidiana, em nossas cóleras, em nossa violência, em nossa agressividade, como também em nossos enganos, em nossos erros, assim como em nossos acertos, até mesmo em nossos silêncios, enfim, o ódio está em nossas vidas desde o início.

É preciso perceber que o ódio primeiramente refere-se à linguagem; que o nosso ódio tem um rumo para além dos primeiros outros - os pais. O ódio nos habita devido ao fato de falarmos, pois falamos somente com palavras que vêm do outro. Portanto, somos seres alienados, limitados pelas palavras, escravos da linguagem. Falar também é pôr o outro em si, percebê-lo ali, revelá-lo como inscrito no coração de nosso ser. Falar supõe o vazio, supõe um recuo, acarreta não estar mais ligado às coisas. Falar também supõe poder se expressar, assumir responsabilidades. Precisamos sustentar o ato de dizer, e isso é muito angustiante (LEBRUN, 2008).

Ser capaz de ódio também é precisar se proteger quando for ameaçado. Porém, acima de tudo, é necessário diferenciar o ódio do que chamamos de gozo do ódio, em outras palavras, a satisfação que é possível tirar do fato de autorizá-lo, de deixá-lo em livre curso e assim gozar de odiar aquele que está responsável de me transmitir esse traço da minha condição, mais do que assumir que o meu ódio se endereça ao vazio. É o não discernimento entre esses dois lugares de endereçamento que gera, da mesma forma, o assassinato e a violência. Portanto, não é o ódio em si que precisa ser renunciado, mas sim o gozar de seu ódio (LEBRUN, 2008).

Em relação à criança, Prizskulnik (2004) afirma que a construção desta ocorre muito antes de nascer, pois ela já ocupa um lugar no imaginário dos pais; já é marcada pelo desejo inconsciente destes; representa algo; tem um lugar marcado simbolicamente. Quando nasce, ela já se depara com uma trama que não pode evitar, isso acontece devido ao fato de o ser humano fazer parte de uma dada filiação, de uma dada sociedade, de uma dada cultura. Logo, ela nasce inserida na linguagem e em um determinado contexto familiar e socioeconômico-cultural.

Os pais sempre idealizam a criança, fantasiam que ela será estudiosa, obediente, educada, inteligente, ou seja, esperam que ela seja perfeita. Porém, isso é impossível, pois a criança pode vir a fracassar. Esse fracasso pode até ser “saudável”, na medida em que fracassar perante a um ideal inatingível é a condição de encontrar um caminho próprio, de buscar usufruir suas características específicas e singulares (PRISZKULNIK, 2004).

Em relação à perversão, Roudinesco (2008) afirma que a perversão existe em todas as sociedades. É um fenômeno sexual, psíquico, político, trans-histórico. E se todas as culturas compartilham atitudes coerentes (interdições do incesto, demarcações da loucura, designação do monstruoso ou do anormal), a perversão naturalmente possui seu espaço nessa combinatória. Portanto, pelo seu status psíquico, que remete à essência de uma clivagem, ela é, da mesma forma, uma necessidade social. Ao mesmo tempo em que conserva a norma, assegura aos seres humanos a subsistência de seus prazeres e transgressões. Para Roudinesco (2008, p. 13): “os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos”.

PRECISAMOS FALAR! SOBRE O KEVIN? A PERVERSIDADE INFANTIL NA CULTURA

O livro de Lionel Shriver intitulado *Precisamos falar sobre o Kevin* traz uma narrativa densa em que Eva Khatchadourian busca encontrar respostas para o fato de o filho Kevin ter cometido um massacre em sua escola, matando onze pessoas (nove alunos, uma professora e um funcionário), além de seu pai e sua irmã mais nova. Sendo assim, ela escreve longas e detalhadas cartas ao “marido ausente”, Franklin Plaskett, analisando como era sua vida anteriormente, a decisão de ter um filho, o desenvolvimento da criança e outros momentos significativos. Em seu relato,

pontua confissões, traz à tona questões que ocultou do marido, procura respostas e analisa suas próprias atitudes, como também as atitudes do filho.

Anteriormente, Eva possuía a vida que sempre sonhou: o emprego perfeito e o marido ideal. Trabalhava na A Wing& a Prayer, uma empresa de viagens que ela mesma havia fundado e estava sempre viajando para diferentes países, como guia de turismo. Seu marido, um típico norte-americano, era o homem que sempre desejou alguém que lhe amava e que era fiel. Para ela, ter um ao outro já era suficiente, a vida que levavam como casal era intensa e agradável. A decisão de ter um filho fora discutida por ambos, Eva sabia que o marido desejava uma criança e para satisfazê-lo criou desculpas a ela mesma, dizia ao marido que eram felizes demais e que tudo parecia bem resolvido, sua empresa havia decolado, possuíam bastante dinheiro, mas não tinham como gastá-lo:

“Então o que foi que me fez sair de cima do muro? Você, para começo de conversa. Porque se nós éramos felizes, você não, não exatamente, e eu devia saber disso. Havia um vazio na sua vida que eu não podia preencher (...)” (SHRIVER, 2007, p. 40).

Porém, a sua verdadeira opinião sobre crianças era que estas eram ingratas, faziam barulho e sujeira. Já o marido queria um filho para responder à “Grande Questão”, o velho dilema existencial, o que seria uma demanda bastante intensa para ser investida em um filho antes mesmo deste nascer. Como que uma criança recém-nascida seria responsável por algo tão grande? Que tamanha responsabilidade para ser colocada em um recém-chegado! Essa criança vem pra preencher um vazio não só da mãe, como também desse pai, embora atravessada pelo fantasma materno.

A decisão definitiva em ter um filho só veio na noite em que Franklin se atrasara para chegar em casa, pois a sua picape havia quebrado. Enquanto Eva o aguarda, preocupada com o que pudesse ter acontecido e com medo de perdê-lo, percebe que talvez um dia ele não voltasse mais para casa. Pensando nisso, deseja ter alguém ao seu lado para também sentir falta de Franklin, caso isso viesse a acontecer: “Eu queria arrumar um backup, uma espécie de cópia de segurança, para você e para nós (...)” (SHRIVER, 2007, p. 65). A partir daí, é possível refletir que este filho mata seu pai mais adiante, ou seja, será que essa não seria a maneira que Kevin encontrou para corresponder à demanda da mãe? Afinal, matando o pai conseguiria ocupar esse lugar de backup e finalmente realizaria algo deste fantasma. Quando o marido finalmente chega, eles transam e ela decide não colocar o diafragma. À primeira vista, Eva se empolga com sua atitude, mas quando percebe que o marido está vivo e que

voltará para casa nos próximos dias, começa a se arrepender. “Porém aquela decisão apressada tomada em maio fora uma ilusão” (SHRIVER, 2007, p. 71). Não há dúvidas que ela prefere uma vida confortável e estável a uma vida com filhos, exigências e transtornos, afinal, quando chegava de suas viagens que duravam meses, sempre contava com a presença de um marido carinhoso lhe esperando, oferecendo seu peito macio e aconchegante para ela deitar. Nos dias que seguem, Franklin continua tentando engravidá-la e ela, para não lhe magoar, não lhe conta nada sobre seu arrependimento. Como já foi discutido a partir dos autores anteriormente abordados, pode-se afirmar que a criança ocupa um lugar no imaginário, no fantasma materno que aponta um lugar ao sujeito, que antecipa sua chegada ao mundo. Kevin, ao nascer, já ocupa uma posição, e, quem sabe, até mesmo um destino.

Embora Eva não desejasse a maternidade, desejava o desafio de tal função. Assim como se via seduzida pelo desafio de fazer suas viagens, comprar a passagem, chamar o taxi e confirmar reservas, também se seduzia pelo desafio a ser mãe: “Franklin, eu tinha um verdadeiro pavor de ter um filho (...). A intransponibilidade da tarefa, sua falta absoluta de atrativos, foi o que, no fim, me seduziu” (SHRIVER, 2007, p. 45). Ao que parece, Eva encara o desafio de ser mãe com uma lógica empresarial, como se ter um filho fosse o mesmo que ter uma empresa, onde ela teria que exercer uma função administrativa. Talvez ela esperasse que fosse acabar gostando de ser mãe, assim como acabou gostando de fazer suas viagens a trabalho:

“Depois que adquiri o hábito de enfrentar meu próprio desafio – e provar repetidas vezes minha independência, competência, maturidade e mobilidade – o medo aos poucos se inverteu: mais do que uma nova viagem à Malásia, eu temia ficar em casa” (SHRIVER, 2007, p. 44).

Tinha a expectativa de que ter um filho seria o mesmo que visitar um país estrangeiro, pois ao pôr os pés num novo país ela ficava deslumbrada. Portanto, quando percebe que não sente o mesmo quando vê Kevin pela primeira vez, decepciona-se intensamente. Para Jerusalinsky (2002), a mãe supõe o filho a partir de seu próprio fantasma, o que significa que o supõe capaz de responder à sua própria demanda. Então, essa posição perversa indispensável no fantasma materno é a que estabelece na criança um fantasma de perversão - perversa polimorfa.

Quando vai à ginecologista para fazer o exame para confirmar a gravidez e a ginecologista lhe dá a notícia de que está grávida, Eva fica pálida, sente um frio estranho e as pernas começam a bambear. A ginecologista lhe pergunta se ela estava bem e lhe diz com severidade: “Eva, eu pensei que você estivesse tentando

engravidar. A notícia deveria ser boa” (SHRIVER, 2007, p. 68). A partir daí, pode-se refletir sobre o quanto a sociedade exige, cobra e pressiona as mulheres constantemente para que estas se tornem mães, sem levar em consideração o desejo destas de quererem ou não ter um filho. Essa exigência social também aparece presente no momento em que Eva percebe como se sente em relação à gravidez: “Sentia-me dispensável, jogada fora, engolida por um grande projeto biológico que não iniciei nem escolhi, que me produziu, mas que também iria me mastigar e depois cuspir fora. Eu me sentia usada” (SHRIVER, 2007, p. 67).

O pai fica ansioso, começa desde cedo a escolher o nome do filho, decide parar de beber, lê manuais de instrução de como lidar com a gravidez e fica em dúvida se deve fazer sexo com sua esposa ou não, pois teme machucar o bebê. Nessas suas atitudes, demonstra que deseja intensamente esse filho, ao passo que a esposa não, pois esta apenas tenta relembrar o motivo de sua decisão, da sua vontade de ter um backup, uma cópia de segurança. Tenta se agarrar a esse motivo com todas as suas forças, tenta convencer a ela mesma de que fez a escolha certa. No que diz respeito ao backup, é possível refletir que Eva não conseguiu construir seu amor maternal pelo filho, pois uma mãe torna-se mãe muito antes do nascimento de um filho, e isso não ocorre com Eva, no caso dela há um conflito entre a posição de mulher e a de mãe. Em relação à decisão do sobrenome, depois de muito debaterem, chegam a um acordo: se for menino, o sobrenome será Khatchadourian, se for menina será Plaskett. Mais tarde, Eva discutiria essa questão do sobrenome com Kevin em uma das suas visitas na penitenciária, dizendo: “Mas briguei muito para que você tivesse o meu sobrenome” (SHRIVER, 2007, p. 75). Com isso, é possível perceber o quanto o sobrenome ocupa um lugar de importância para Eva, este representa sua identidade, é a lembrança de que viera de uma família tradicional armênia, também é o que a une a seu pai que fora “cruelmente massacrado” em uma guerra. Kevin lhe responde que fora graças a ele que todo mundo do país sabia soletrar esse sobrenome agora. Com essa resposta, Kevin demonstra que tentou corresponder à fantasmática e aos investimentos da mãe, destacando esse sobrenome tão incomum de origem armênia que ela se orgulhava tanto e, mais do que isso, ele cometera seu próprio massacre, como se estivesse honrando seus ancestrais, vingando-se.

Em relação ao sexo do bebê, Eva sempre imagina uma menina, pois tem pavor de meninos, desde quando era criança, os considera como “animais perigosos”. Quando ela faz o ultrassom e vê o feto pela primeira vez, se pergunta: quem é esse?

Não consegue reconhecer esse filho como sendo dela, ele é um desconhecido que nada tem a ver com ela. Já o pai, quando descobre que é um menino, fica ainda mais convicto de que o filho é seu. Isso irrita Eva profundamente, pois ele começa a desenvolver cuidados extremos com ela, lhe controla com o medo de que ela perca o seu filho, maneira à qual Franklin começa a se referir ao bebê. Eva não quer tomar esses cuidados, pois ao contrário do marido, ela não teme que algo aconteça ao filho; nela há falta de desejo. Diz a ele que se soubesse que engravidar seria representar uma “maturidade fajuta” teria reconsiderado a sua decisão. Bravo, o marido lhe pede para que jamais repita isso, que nunca diga que se arrepende do filho, sendo assim, Eva obedece às ordens do marido fielmente, pois é a partir daí que ela começa a ocultar pensamentos e sentimentos dele.

Kevin nasce com duas semanas de atraso, para a mãe, ele “já fazia cera” desde que estava no útero, porém, o pai não se aflige com esse atraso. Este aguarda o filho com ansiedade e enquanto espera por ele, compra carrinhos de bebê, bichinhos de pelúcia e xales de crochê, atitudes estas que não agradam Eva: “Você estava simplesmente louco para se atirar nesse negócio de ser pai, não estava? Para mergulhar num abismo, se jogar numa pira. Será que nossa vida em comum era algo assim tão insuportável para você, tão vazia?” (SHRIVER, 2007, p. 91). Como ela não deseja o bebê, é possível que não consiga entender como o marido pode estar tão apreensivo com a chegada do menino; é a partir daí que começa a perceber também que está perdendo a atenção exclusiva que recebia dele, para o filho. Não há dúvidas que sua vida estava se transformando e, aos poucos, o que antes era uma relação entre dois, agradável, intensa e romântica, foi cedendo lugar a uma relação entre três, com outro membro que não era nada bem-vindo por ela, tornando-os assim uma família, palavra esta que sempre remetia uma estranheza para Eva. Fica evidente aí que essa mãe deseja apenas o pai. Isso nos faz retomar o que Dor (1991) apresenta em relação ao desejo materno. Para ele, a criança, primeiramente, constata que o objeto do desejo materno não depende exclusivamente de si. Em segundo lugar, descobre sua mãe como uma mãe faltante, em nada satisfeita pela própria criança identificada ao falô, seja ao objeto de seu desejo. É assim que a criança fica identificada na posição perversa.

Quanto ao parto, Eva acha que deve ser durona e opta por não usar anestesia. Essa decisão talvez se explique pelo fato de que ela precisava sentir a dor física para conseguir se deparar com a realidade e também com ela mesma diante a

maternidade. Além disso, tem a intenção de impressionar o marido, provar a ele que é capaz de passar por isso. A recusa pela anestesia também pode ser explicada como a forma a qual ela percebeu o nascimento do filho: “Agarrei-me a essa recusa, como se a grande questão fosse passar pelo pequeno teste, e não dar à luz. Enquanto recusasse a agulha, eu estava ganhando” (SHRIVER, 2007, p. 94). Neste momento, já é possível perceber que ela começa a travar uma batalha pessoal contra Kevin, assim como quando ela percebe que estava resistindo ao parto: “Assim, me esforcei, momento em que tive de reconhecer que estava, sim, resistindo ao parto. Toda vez que aquela massa enorme se aproximava do canal minúsculo, eu o sugava de volta. Porque doía. Doía de verdade”³ (SHRIVER, 2007, p. 94). Até o último minuto Eva demonstra ter esperança de que esse filho não nasça. A dor em que se depara nesse momento é a dor emocional, a dor de ter que carregar esse “fardo” para o resto da vida. Diante disso, sente desprezo: “Odiei a mim mesma por ter concordado com o humilhante teatro, quando eu estava ótima antes e bem naquele momento poderia estar na França”⁴ (SHRIVER, 2007, p. 94).

Logo após o nascimento, quando Eva tenta dar o seio para Kevin, ele vira seu rosto, enojado, como se de alguma forma ele já pudesse antecipar alguma coisa da sua posição no discurso materno. Kevin recusa o leite da mãe, a mãe recusa Kevin, e é nesse momento que os dois travam a batalha a qual duraria anos. Para o marido, ela finge estar feliz, dizendo apenas que o bebê é lindo. Franklin o pega no colo, Kevin coloca seu braço ao redor do pai, como se tivesse reconhecido quem era seu verdadeiro protetor. Quando devolve o bebê para a mãe, este começa a berrar. A mãe, apática, não estabelece nenhum vínculo inicial com seu filho, o holding é insuficiente já que esta não investe no bebê e quem aparece realizando os primeiros cuidados é o pai. Eva decide aí que nunca revelará a ninguém que o parto não lhe comovera. Nesse momento, ela oculta seus sentimentos, afinal, o que as pessoas diriam se soubessem que não sentiu nada ao ver seu filho pela primeira vez? Como seria revelar aos seus amigos que, para ela, não ocorreu o momento indescritível, a paixão à primeira vista e o amor incondicional quando pegou Kevin no colo? Talvez

³ Grifos do autor

⁴ Grifos do autor

ela não tivesse tido a experiência que seus amigos lhe relataram, mas teve a sua própria experiência, única e exclusiva. Mesmo que a sociedade exija que a mulher sintasse realizada ao ver seu filho pela primeira vez, muitas delas não têm sentimento algum, afinal, o amor por um filho não é natural, ele é construído ao longo da relação.

Kevin somente aceita se alimentar quando o pai lhe dá a mamadeira preparada no microondas e recusa quando a mãe tenta fazer o mesmo. Eva cria a fantasia de que Kevin já tinha descoberto o jogo dela, pois tudo que fazia a ele não vinha de forma natural. Com isso, é possível de se pensar que provavelmente o menino tenha mesmo sentido o fingimento de Eva enquanto esta se forçava a lhe dar abraços e beijos, achando que seriam suficientes. Nos primeiros momentos com o filho, Eva já foi capaz de perceber que o tão esperado sentimento maternal, que é tão retratado nos filmes, livros e comerciais, não aparecera. Esse filho vinha lhe esgotando intensamente há semanas, tinha acessos de birra durante horas, porém quando o pai estava presente o filho tinha, segundo ela, “acessos de paz”. Fica claro aí que Eva não consegue entender a mensagem do filho que chora incessantemente, então esta não realiza ações que atendam a um suposto desejo. Ela cria a ilusão de que o filho demonstra esses temperamentos tão opostos devido a um plano de fazer com que os pais se desentendam. Com isso, não consegue perceber que talvez o filho só esteja procurando alguém que supra suas necessidades, corresponda sua demanda. O seu desejo pelo marido é tanto que as necessidades do filho ficam em segundo plano. Quando Eva desenvolve mastite nos dois seios e precisa ficar uns dias internada no hospital, tomando antibióticos por via intravenosa, prefere sentir dor a ficar na companhia do filho: “O alívio da simples quietude era imenso” (SHRIVER, 2007, p. 118). O choro acaba sendo o pano de fundo para uma série de expressões da mãe. Isso apenas confirma que Eva nunca pôde construir seu lugar materno, embora mostrasse desesperadamente o desejo de fazê-lo, pois ela não suporta o efeito desse filho sobre ela, e se Eva nunca se tornou mãe, Kevin nunca se tornará filho. Nesse ponto é preciso enfatizar que não se trata simplesmente da ausência de uma mãe amorosa, mas da incapacidade da formulação desse amor como sintoma de uma conflitiva que em última instância é social, uma vez que revela um conflito inconciliável entre sua posição de mulher na cultura e as demandas sociais na maternidade representadas pelo pai.

Em certo momento, Eva desabafa com a babá de Kevin sobre suas decepções em relação à maternidade. Quando ela se demite e vai embora, Eva percebe que o

filho está chorando e decide não pegá-lo no colo: “Não havia ninguém ali para me obrigar, e eu não queria. Eu não iria, como Siobham sugerira, dar uma olhada em sua fralda, nem esquentar a mamadeira. Eu o deixaria chorar até cansar” (SHRIVER, 2007, p. 128). Com isso, compreende-se que Eva opta por deixar Kevin chorar até esgotar todas as suas energias psíquicas, sendo que, nessa fase, a criança depende inteiramente dos cuidados de um adulto, pois ainda não sabe se cuidar sozinha. Ela fala para o filho: “Qual é o problema com você, seu merdinha? Está satisfeito agora que arruinou a vida da mamãe?” (SHRIVER, 2007, p. 128). Neste momento, percebe-se que Eva deixa de fingir e ocultar seus sentimentos de Kevin e diz o que verdadeiramente pensa sobre ele, porém sua sinceridade é totalmente agressiva e a atitude é violenta, como também aparece na seguinte fala:

“A mamãe era feliz antes que o Kevin mijão viesse ao mundo, você sabia? E agora a mamãe acorda todo dia querendo estar na França. A vida da mamãe agora é uma droga, você não acha que a vida da mamãe é uma droga? Você sabia que em certos dias a mamãe preferia estar morta? Para não escutar você guinchar nem mais um minuto, tem dias que a mamãe gostaria de pular da ponte do Brooklyn...” (SHRIVER, 2007, p. 129).

Diante desta ideia, entende-se que, no discurso de sua mãe, ele é o pivô de sua infelicidade e não realização profissional. Se este foi o discurso de Eva sobre o filho desde os primeiros meses de vida, como Kevin poderia desempenhar outro papel se não o de ser de fato quem destrói a vida da mãe?

Depois desse ocorrido, Kevin para de berrar definitivamente e passa a ficar em silêncio, inerte. Como ele ainda não havia aprendido a falar, Eva decide levá-lo a um pediatra, com a esperança de que o filho tenha algum problema: “Eu queria ao menos sentir pena de Kevin, o que já me parecia um começo” (SHRIVER, 2007, p. 138). Talvez ela achasse que dessa forma conseguiria sentir empatia pelo filho e ter algum sentimento por ele, mesmo que fosse de pena, já que o único sentimento que lhe despertara até então fora a raiva. Portanto, a única coisa que o médico percebe em Kevin, é que ele tinha uma moleza em seu corpo, acabando assim com as expectativas de Eva. Até esse momento, fica difícil perceber por que Kevin não assume uma posição autista. O que faz com ele escape dessa posição, lançando-se numa montagem perversa?

Quando Kevin estava com quatro anos, Eva resolve viajar até a África na tentativa de provar a ela mesma que sua vida não mudara. Porém, dias depois,

percebe que sua vida mudara sim e que até então ela não havia se responsabilizado por seu filho:

“Nada é interessante se você não estiver interessado. Em vão, eu vinha esperando de braços cruzados que Kevin me provasse, me demonstrasse ser digno do meu ardor. Era coisa demais para pedir a um menino tão pequeno, que só conseguia ser adorável a meus olhos se eu o deixasse ser. Estava na hora de eu ceder um pouco também” (SHRIVER, 2007, p. 145).

Portanto, Eva não levou em consideração que nessa época os dois já haviam criado um laço, Kevin já estava se constituindo e talvez essa sua decisão por investir no filho tivesse vindo tarde demais. Quando chega ao aeroporto, abraça o filho primeiro e lhe diz que promete nunca mais na vida ficar tanto tempo longe. Talvez seja de se pensar que, por causa dessa mesma promessa, Eva ainda visita Kevin na penitenciária, mesmo não sendo mais obrigada a ir. Quando chega em casa, tenta “cumprir seu papel” de tentar ser uma mãe melhor, contratando outra pessoa para cuidar de seus negócios na empresa para poder ficar em casa com o filho. Essas atitudes tomadas nada mais são do que um resultado da sua culpabilização diante às grandes expectativas que criou em relação ao filho e da exigência de que ele correspondesse a elas, enquanto ela pouco se esforçava para fazer o mesmo.

Kevin usa fraldas até os seis anos. Os pais, querendo evitar a angústia dessa fase, permitem que ele deixe de usá-las quando estiver preparado, porém Kevin parece achar agradável e muito confortável. Já Eva, acredita que esta era apenas mais uma forma que Kevin encontrara para controlá-la. Na escola, a professora se recusa a fazer esse trabalho, sendo assim, Eva, que voltara a trabalhar, precisa sair de seu trabalho diversas vezes para trocar o filho. É possível que esta seja a forma que Kevin encontrou para receber atenção de sua mãe, pois indo até a escola para trocar as fraldas de Kevin, Eva perdia preciosas horas de trabalho e passava esse tempo com o filho:

“Sim, ele se submetia às trocas sem fazer muito escândalo. Ele parecia adorar o ritual e talvez tenha inferido, diante da minha crescente rapidez, um constrangimento para ele gratificante, porque passar algodão nos seus testículos quando já estava com quase seis anos começava a parecer ligeiramente indecente” (SHRIVER, 2007, p. 225).

A relação entre mãe e filho é perversa, pois é admitido que o filho esteja a serviço da satisfação da mãe, isso é considerado lógico e normal. Independentemente da idade que o indivíduo tiver, sua relação perversa com sua mãe permanece, apenas é recalçada. (JERUSALINSKY, 2002). Pode-se pensar aí numa questão de

erotismo/erotização entre os dois. Dor (1991), afirma que a criança se esforçará para seduzir cada vez mais o objeto de seu gozo, na esperança de desaparecer alguma dúvida sobre o sentido da instância paterna, confiando nessa incitação materna que a instiga a menosprezá-la. O desafio, traço típico da estrutura perversa, achará nesse convite ao menosprezo seu mais essencial ardor. Esse erotismo também aparece presente quando Kevin, já adolescente, se masturba com a porta aberta e Eva consegue vê-lo do corredor: “Saber que eu estou vendo... acho que isso o excita” (SHRIVER, 2007, p. 348). Kevin goza quando é pego em ato por ela, pois quando a mãe sai ele ri: “Embora a maioria dos homens pratique esse exercício de olhos fechados, Kevin tinha os dele entreabertos, para melhor lançar a mãe um olhar sonso e sonolento por cima do ombro” (SHRIVER, 2007, p. 349-350). O apelo sedutor da mãe traduz-se, então, neste momento fundamental do Édipo, em um verdadeiro convite ao tormento para a criança. Efetivamente, por mais que a criança perceba nele uma autêntica instigação ao gozo, a mãe não deixa, muitas vezes, de se calar sob o sentido da intrusão paterna e da questão do desejo que ela supõe. Na convivência erótica que a mãe compartilha com a criança, ela pode iludir-se sobre a ausência de mediação paterna frente ao desejo da mãe (DOR, 1991).

Durante uma tarde, depois de Eva ter trocado a fralda de Kevin várias vezes no dia, ele a suja novamente. Vendo isso, ela fica muito brava e acaba atirando seu filho longe. Kevin, quando aterrissa, olha para a mãe com curiosidade, como se finalmente tivesse se interessado por algo. Quando Eva percebe que ele havia quebrado o braço, lhe pede desculpas. Ao mesmo tempo em que sente remorso, sente um alívio: “Exteriormente, eu estava desolada. Mas bem no meu cerne o momento fora abençoado” (SHRIVER, 2007, p. 231). Essa atitude faz com que ela se sinta bem, pois qual mãe nunca fantasiou jogar seu filho longe num momento de raiva? Portanto, Eva faz isso num sentido literal e, para ela, isso é libertador, pois, dessa maneira, consegue externalizar o ódio que sente do filho. Além do mais, mesmo sendo uma atitude totalmente negligente, Eva é sincera nesse momento, não finge seu sentimento e talvez seja por esse motivo que Kevin demonstra curiosidade, afinal ele estava presenciando o outro lado da mãe:

“Por dois segundos, senti-me completa e também a verdadeira mãe de Kevin Khatchadourian. Senti que estava próxima dele. Senti-me eu mesma – meu verdadeiro eu, sem expurgos – e senti também que estávamos finalmente nos comunicando” (SHRIVER, 2007, p. 232).

Nesse momento, Eva percebe que Kevin quase sorria. É possível de se pensar que, a partir daí, Eva e Kevin estabelecem uma cumplicidade. A prova disso acontece quando os dois voltam do hospital e Franklin pergunta diretamente a Kevin o que houve em seu braço e este lhe responde: “Eu estava com cocô na fralda. A mãemãe foi buscar mais lenços umedecidos de papel. Eu caí do trocador. No... no meu caminhão Tonka. A mãemãe me levou ao doutor Goldpum”⁵ (SHRIVER, 2007, p. 235). Kevin mente ao pai para proteger a mãe e, depois disso, anuncia que precisa ir ao banheiro. É relevante também que se reflita sobre a duplicidade da palavra mãe (mãemãe) que Kevin atribui a Eva, como se quisesse se referir à ambivalência da relação, à dupla posição que essa mãe ocupa diante dele, oras como cúmplice, espectadora do gozo, oras como aquela que sustenta a posição dele no próprio fantasma.

Para Eva, o filho tem uma personalidade diabólica, um caráter maligno. Diante de seus olhos, todas as ações que ele realiza servem para lhe atingir ou prejudicar outras pessoas. Como numa situação em que Kevin observa o árduo trabalho que sua mãe tem ao forrar a parede de seu escritório com mapas de suas viagens, enquanto ouvia o filho dizer que aquilo era “besta”. Deixando Kevin sozinho por alguns minutos, volta à sala e vê que o seu papel de parede está coberto de tinta vermelha e preta vinda do revólver de brinquedo dele. Quando o menino diz que agora o ambiente estava especial, Eva automaticamente interpreta isso como uma maldade, uma tentativa de sabotá-la. Também há o momento em que Eva tenta ensinar o filho a ler e, depois de muitas horas de esforço sem sucesso, Kevin entoa todo o alfabeto, do A até o Z. A interpretação dela não podia ser diferente: “Era óbvio que ele estava me negando toda e qualquer satisfação de propósito. Ele estava decidido a fazer com que eu me sentisse inútil e desnecessária” (SHRIVER, 2007, p. 228).

É possível afirmar que, para ela, Kevin não é o filho ideal, é o filho que a frustra desde seu nascimento, ele não corresponde às suas expectativas. Até mesmo o fato de Kevin ter as características físicas parecidas com as dela é motivo de frustração, pois Eva queria um filho que parecesse com o marido, queria reconhecer os traços de Franklin em Kevin. Porém, na adolescência, quando Eva finalmente consegue realizar

⁵ Grifos do autor

seu desejo de perceber semelhanças entre os dois, também não sente-se satisfeita: “Embora seja verdade que, no passado, busquei fadiga na fisionomia de Kevin alguma semelhança com o pai, agora vivo brigando com essa impressão maluca de que ela faz de propósito, para eu sofrer” (SHRIVER, 2007, p. 207).

Para o pai, Kevin é um menino adorável, porém é apenas um pouco pensativo e introvertido. Franklin não aparece em momento algum exercendo seu poder paterno, pelo contrário, sempre que a mãe tenta impor limites a Kevin, ele aparece interferindo. Permite que o filho faça o que quiser, não é só um pai liberal, brincalhão, como também é um pai que não castra. Defende o filho de todas as situações e acusações da esposa. Está sempre preocupado em não magoar Kevin, que acaba tomando partido dele vezes demais: “E por acaso já lhe ocorreu que, se essa cena foi assim tão tenebrosa, quem sabe Kevin esteja meio traumatizado também?” (SHRIVER, 2007, p. 222). Kevin faz o pai de bobo, sai ileso de todas as situações, abusa desse aliado para muitas vezes atingir a mãe, não havendo uma relação real de amor com ele. Dor (1991), afirma que o lugar do pai não pode revelar-se de outra forma senão perturbador e enigmático. Já o pai investe no filho, mas parece tentar suprir a falta de investimento da mãe neste. Leva-o a museus, ensina a jogar beisebol, além do mais, é também ele próprio que compra a Kevin o arco e flecha, objeto que ele mais tarde utiliza para cometer o massacre. Enquanto isso, Kevin acha seu pai um “babaca” e considera a relação entre os dois uma “fraude”, que não vinha de forma natural.

Essas relações apenas se intensificam quando a linda e adorável Celia nasce, esta planejada e desejada pela mãe que engravida do marido sem lhe contar. Quando descobre-se grávida, Eva sente-se renovada, esperançosa e sente que essa filha é realmente dela. Quando Kevin nota que Eva está diferente, distancia-se dela, afinal, ele pressente a presença desse objeto de desejo da mãe. Já o marido, não se mostra interessado pela filha em nenhum momento. Com Celia, Eva não cria muitas expectativas, não exige que sua vida mude, como fez com Kevin. É possível perceber que o nascimento de Celia fora o oposto ao de Kevin: a menina nasce com duas semanas de antecedência, Eva fica ansiosa com o nascimento dela, a filha aceita seu seio sem hesitar e ela não chora quando nasce. Franklin percebe que a mãe dá um tratamento diferente para Celia e teme que Kevin perca sua atenção, sendo assim, começa a criticar a menina sempre que pode, o que acaba tornando os filhos uma disputa para os dois. Eva acha sua filha encantadora: “Talvez meu amor por Celia tinha vindo muito fácil” (SHRIVER, 2007, p. 265). Porém, com Kevin não acontece o

mesmo: “Nunca foi fácil gostar de Kevin, menos ainda amá-lo, mas, sendo assim, ele deveria ser o garoto perfeito para gente como eu. Era difícil amar Kevin da mesma forma como era difícil comer bem em Moscou (...)” (SHRIVER, 2007, p. 266). Já Celia adora o irmão, porém a mãe identifica o filho como um perigo para ela. Embora muitas vezes Kevin apronte com Celia, ela nunca perde a fé de que o irmão seja uma boa pessoa, ao contrário da mãe que sempre acusa o filho.

Depois da chacina, Eva tenta entender os motivos que levaram o filho a cometer tal ato. Percebe que todas as vítimas que Kevin escolhera tinham em comum o fato de sentir gosto por algo: “(...) um jogador de basquete, um hispânico estudioso, um fã de cinema, um violinista clássico, um ator emotivo, um hacker, um gay que estudava balé, uma ativista política feiosa, uma beldade cheia de si, um funcionário de meio período que trabalhava na cantina da escola e uma professora de inglês dedicada” (SHRIVER, 2007, p. 291). Para Kevin, todas as suas vítimas eram ridículas e, além do mais, eram favoritas de algum professor. Ao longo do livro, Kevin demonstra antipatia com a palavra “favorito”, então a partir daí, pode-se pensar que talvez ele tenha matado Celia por esta ser a filha favorita da mãe e o pai por ser o objeto de desejo desta, afinal ela o amava mais do que a seus filhos. Também é possível refletir que Kevin, matando o pai e a irmã, conseguiria finalmente ser o único na vida da mãe. Nas visitas, Eva nota que o filho sente-se satisfeito com ele mesmo, orgulha-se de ser uma celebridade. Ela acredita que talvez tivesse transmitido a Kevin sua propensão a enfrentar desafios e que seja por causa disso que ele cometera o massacre. De acordo com Dor (1991), o perverso precisa assegurar-se de que a lei de fato existe, que pode achá-la e buscar experimentar nela a economia de seu gozo. É nesse sentido que a transgressão é o correlato inevitável do desafio.

Eva é condenada por negligência materna e, mesmo não se culpando totalmente, a sociedade lhe pune. Depois do ocorrido, ela tem dificuldades de aparecer em público, pois ninguém se esquecera do ocorrido e, além do mais, ela havia aparecido em todos os jornais. Os vizinhos atiram galões de tinta vermelha na varanda, nas janelas e na porta da casa onde vivia antes com Franklin, Kevin e Celia: “Nossa casa não fora esguichada com os jorros fosforescentes da indignação espontânea, e sim lambuzada com um ódio que fervera em fogo lento, até ficar grosso e saboroso como um requintado molho francês” (SHRIVER, 2007, p. 18). Porém, Kevin não lhe culpa, pelo contrário, numa entrevista para um documentário, ele a defende quando lhe perguntam sobre o processo por negligência e, além do mais, a

câmera gira e capta uma foto sua na parede da cela, a mesma foto que sumira do dia em que Celia nasceu e que Eva acreditava que Kevin tinha picado em pedacinhos.

Por fim, Eva acaba sozinha, sem marido nem filha, vivendo num duplex espremido e precário. Não se muda da cidade, pois prefere continuar perto do filho, sendo agora conhecida por todos como a mãe de Kevin Khatchadourian, esta é sua nova identidade: “Mãe do ignóbil Kevin Khatchadourian é quem sou agora, uma identidade que significa mais uma das pequenas vitórias de nosso filho. A AWAP (empresa da mãe) e nosso casamento não são mais que notas de rodapé agora, interessantes apenas na medida em que iluminam meu papel como mãe de um garoto que todos amam odiar” (SHRIVER, 2007, p. 200). A única pessoa que lhe resta é Kevin e eles acabam vivendo exclusivamente um para o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perversidade na infância é um tema pouco debatido na psicanálise e na sociedade em que estamos inseridos. Há uma grande dificuldade em lidar com esse conceito porque este nos horroriza, nos causa espanto, afinal, é praticamente inimaginável que um ser tão “inocente”, como uma criança, seja capaz de cometer um ato criminoso. Porém, ao mesmo tempo também nos fascina e nos atrai, afinal somos todos seres constituídos de ódio. Assim como já havíamos discutido anteriormente, Lebrun (2008) afirma que o ódio nos habita, está em nós, na medida em que podemos ser objeto ou vítima dele. Kevin Khatchadourian endereça seu ódio ao vazio para encobrir a falta materna e goza de seu ódio ao cometer o massacre em sua escola.

Frequentemente, discutem-se apenas questões que dizem respeito a um perverso constituído clinicamente e não na nossa implicação nesses processos, na cultura contemporânea, no ódio e no gozo. Aqui, talvez seja importante esclarecer que durante o ensaio não nos detivemos em diagnosticar Kevin como perverso ou não. Nosso objetivo foi considerar a sua montagem perversa, o laço que se dá entre este e seus pais e o que Kevin tem a nos dizer.

Podemos pensar que Kevin realiza perversamente, a partir de seu ato, alguma coisa do fantasma ou da montagem que o aliena. Kevin não realiza apenas a montagem particularizada de sua constelação familiar, mas também pensando que os pais vetorizam algo dos ideais que nos vem da cultura, o que poderíamos pensar que Kevin realiza também desses ideais da cultura ainda que recalçados, que não reconhecidos no âmbito de nossas demandas sociais contemporâneas? A partir de

Freud e Lacan aprendemos que a literatura antecipa questões à psicanálise e à cultura e que a verdade do sujeito tendo estrutura ficcional encontra no escrito literário a possibilidade de uma escuta muitas vezes mais verdadeira que a própria realidade. Parafraçando Contardo Calligaris em *Essas crianças que amamos demais*, Kevin é nosso retrato menos confessável do ideal que depositamos sobre as crianças e adolescentes no contemporâneo, queremos que eles gozem e nos realizem completamente; e podem acabar fazendo.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. A história social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CALLIGARIS, C. Essas crianças que amamos demais. In. _ : CALLIGARIS, C. Crônicas do Individualismo Cotidiano. São Paulo: Ática, 1996.
- CALLIGARIS, C. Perversão – um laço social. Salvador: Cooperativa Cultural Jacques Lacan. 1986.
- COSTA, A.; POLI, M. C. Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em psicanálise. Pulsional. ano XIX, n. 188. 2006. Disponível em: <http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/188_02.pdf>. Acesso em: 31 out. 2013.
- DOR, J. Estrutura e perversões. Trad. Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FLEIG, C. B. Sadismo ou maldade infantil. In. Tribuna Freudiana (Revista da Associação Clínica Freudiana de São Leopoldo), ano XV. n. 18, 2009.
- FRANÇA, C. P. Pai fouveiro: o pacto perverso. Psychê, São Paulo, v. 9, n. 15, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2013.
- FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- JERUSALINSKY, A. Há perversões na infância? In. Seminários II. 2 ed. São Paulo: USP/Lugar de vida, 2002.
- LEBRUN, J. P. O futuro do ódio. Porto Alegre: CMC, 2008.
- PRISZKULNIK, L. A criança sob a ótica da Psicanálise: algumas considerações. Psic, São Paulo, v. 5, n. 1, jun. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167673142004000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 out. 2013.
- ROUDINESCO, E. A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SHRIVER, L. Precisamos falar sobre o Kevin. Trad. Beth Vieira e Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

THE HIDDEN SIDE OF CHILDHOOD: A PSYCHOANALYTIC POINT OF VIEW ABOUT PERVERSITY IN CHILDHOOD

ABSTRACT

This article aims to discuss the perversity in childhood under psychoanalytic theory, trying to relate childhood, perversion and culture, as well as to discuss these elements considering the book *We need to talk about Kevin* (2007), by Lionel Shriver. This paper presents theoretical formulations about perversion and, from this, it is built an essay in which it is examined Kevin Khatchadourian's childhood, a boy responsible for a massacre that resulted in the death of eleven people, including his father and sister. In the essay, we seek to make considerations, identifying some important features of his life, as his relationship with his parents and society in order to build an investigation on perversion in childhood and on subjective and contemporary social processes.

KEYWORDS: Perversion in childhood. Perversity. Psychoanalysis. Culture.

LA FACE CACHÉE DE L'ENFANCE: UN REGARD PSYCHANALYTIQUE SUR LA PERVERSITÉ ENFANTINE

RÉSUMÉ

Cet article envisage à rapprocher la perversité enfantine à partir la théorie psychanalytique en cherchant de mettre en relation l'enfance, la perversion et la culture, bien que discuter ces éléments à partir du livre *Il faut qu'on parle de Kevin* (2007), de Lionel Shriver. L'article a comme point de repère des formulations théoriques sur la perversion, a fin de construire une essay dans lequel on analyse l'enfance de Kevin Khatchadourian, l'auteur d'un massacre qui a eu comme conséquence la mort de onze personnes, et encore de son père et de sa soeur. Dans cet essay on cherche à faire de sconsidérations, en identifiant des éléments mémorables dans la vie de Kevin, tels que la relation avec ses parents et avec la société, à fin de construire des questions à propos de la perversité enfantine dans les processus subjectifs et sociaux contemporains.

MOTS-CLÉS: Perversion dans l'enfance. Perversité. Psychanalyse. Culture.

Recebido em: 20-01-2017

Aprovado em: 14-03-2017

© 2017 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.psicanaliseebarroco.pro.br>

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>